

Estamos felizes agora?

JAMES F. O' CALLAGHAN*

Tradução: Eva Paulino Bueno**

*“Procurar a Deus é o desejo da felicidade;
alcançar a Deus é a própria felicidade.”*
Santo Agostinho

Quando lhe perguntam, “O que é felicidade?”, um filósofo como Santo Agostinho responde com uma visão total do mundo. Nós nos sentimos mais confortáveis com aquele homem que, quando lhe fazem tal pergunta, encolhe os ombros e diz, “Ei, se você tem que perguntar, você não entenderia a resposta.” Com este último, nós achamos que sabemos o que significa ser feliz. Invocar a Deus e a natureza humana e tudo o mais nos torna impacientes e desconfortáveis e, bem, infelizes. O truque é não fazer perguntas mas simplesmente sermos felizes sem jamais termos um pensamento filosófico. Mas aí temos um problema do tipo “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.” Ao buscar as coisas que precisamos ou queremos em termos de educação ou trabalho, em relações humanas ou em assuntos sociais, nós nos chocamos

contra questões sobre a boa vida ou a má vida, sobre a natureza do dever, da justiça e muito mais. Quando tentamos dormir nós descobrimos que nos tornamos filósofos e teólogos, sempre pensando pensamentos lúgubres sobre a morte e o destino.

Não parece justo. A felicidade é o que Thomas Jefferson disse que todos nós temos o direito de buscar, e nós podemos vê-la em um cachorrinho, em uma festa de casamento, em uma bicicleta muito desejada recebida em um dia de Natal, no nascimento de uma criança, em uma vitória no futebol ou na política, ou em membros da família conversando uns com os outros, civilmente, durante um jantar no dia de Ação de Graças. Por que nós temos que analisar tudo? Eu lhe digo porquê.

***JAMES F. O' CALLAGHAN** foi professor universitário e diplomata. Ele morou na América Latina, Europa e África, e agora reside em Seattle, Washington.



** Depois de quatro anos trabalhando em universidades no Japão, **EVA PAULINO BUENO** leciona Espanhol e Português na St. Mary's University em San Antonio, Texas. Autora de *Mazzaropi, o artista do povo* (EDUEM 2000), *Resisting Boundaries* (Garland, 1995), *Imagination Beyond Nation* (University of Pittsburgh Press, 1999), *Naming the Father* (Lexington Books, 2001), e *I Wouldn't Want Anybody to Know: Native English Teaching in Japan* (JPGS, 2003).

O filhotinho vai acabar sendo um problema, o feliz dia do casamento pode ser o início de um casamento infeliz, a bicicleta vai se enferrujar, e o seu time logo vai perder um jogo, e o seu candidato vencedor vai desapontar a todos. Daí nós ficamos pensando no que teria dado errado. Nós queremos colher a felicidade nos momentos transitórios e fazê-la durar. A busca da felicidade se transforma numa análise da felicidade e as Grandes Perguntas aparecem, com certeza, não importa o quanto tentemos evitá-las, e mesmo se nós não reconhecemos que o que nós estamos procurando é um lugar no universo. Nós nos encontramos revirando ideias e observações que são tão imemoriais que acabaram transformando-se em clichês, até mesmo em clichês contraditórios, que não conseguimos evitar de utilizar, um atrás do outro:

Clichê número 1: Você precisa de saúde e algum dinheiro para ser feliz.

Clichê número 2: Mas todos nós conhecemos gente feliz que não tem nem saúde nem dinheiro.

Clichê número 3: Saúde e dinheiro não garantem a felicidade: existem legiões de ganhadores de loteria infelizes, e estrelas do esporte regularmente confirmam esta verdade.

Alguns clichês têm vida mais longa. Quando os Beatles cantaram que tudo o que você precisa é amor, nós cantamos juntos esta coisa antiga que nós já tínhamos escutado de uma maneira ou outra de nossos pais e avós. E nós continuamos cantarolando porque o que a canção diz continua tendo validade: as pessoas que amam e são amadas parecem capazes de evitar a infelicidade mais profunda mesmo no meio da adversidade. A experiência nos confirma que os nossos próprios momentos mais

felizes envolvem cônjuges, pais, filhos, ou amigos. A fama e a riqueza contam para bem pouco se não se tem alguém com quem compartilha-las, e a sua ausência não importa muito se a pessoa está amando. Quando a miséria acaba destruindo a felicidade ela parece que o faz ao sabotar as relações: um homem que não pode manter seus filhos pode acabar perdendo o respeito da sua esposa, ou a preocupação com dívidas pode acabar destruindo a vida do casal. Então, talvez o que nós precisamos é o amor e um salário mínimo mais alto, ou então alguma maneira de ter uma renda mais estável? Não exatamente, ou não tão facilmente.

Se amar alguém é a condição *sine qua non* da felicidade, como nós aprendemos a amar? Esta é uma pergunta tola. Quem aprende a amar? Você simplesmente ama. Você ama a sua mãe instintivamente, e seu pai e seus irmãos e irmãs, e quando você cresce você tem esperança de se apaixonar por alguém. Mas o amor também pode ser uma escolha consciente: o judaísmo e o cristianismo nos dizem que devemos amar a Deus e ao nosso próximo, não nos apaixonar por eles. Muitas pessoas, não somente os padres e freiras, parecem fazer exatamente isto e serem felizes. Então: se o amor leva à felicidade (ou pelo menos faz com que ela seja possível), e se você pode escolher amar, você pode escolher ser feliz? Isto parece ser um exagero; as bibliotecas estão cheias de histórias de amor infeliz. Entretanto, nós voltamos à pergunta inicial: Santo Agostinho tinha razão? A religião é essencial para a felicidade?

Os ateístas alegremente discordam e somente uma grande arrogância se daria o direito de julgar a alegria deles ou o quanto eles amam. Afirmações absolutas estão completamente fora de lugar aqui. Mas eu mesmo, que nunca senti

felicidade ateuista, fico do lado das pessoas religiosas porque eu concordo que a felicidade depende não somente de amarmos alguém, mas de sermos amados também, e é muito melhor se somos amados por Alguém que estará conosco até o fim e além.

Eu tenho amigos que parecem viver muito bem sem se perguntarem por que existe alguma coisa ao invés de nada no universo, ou se a sua vida tem algum propósito. Mas estas perguntas são tão tipicamente humanas que eu acho que todos nós as consideramos em algum nível, mesmo que tenha sido para mudarmos rapidamente para outro assunto. A Igreja Católica assume que até as crianças têm interesse neste assunto, e o primeiro livro do antigo catecismo de Baltimore ensinava que “Deus nos criou para conhecê-lo, amá-lo, e servi-lo neste mundo e ser feliz com Ele no próximo.” Me parece que esta crença contribui para a felicidade, por razões óbvias.

Se você precisa não crer para ser feliz, você deve, naqueles momentos no meio da noite, substituir a fé com alguma outra coisa que dê significado à vida. Ou isto ou encontrar a coragem, como Camus aceitou, de viver em um universo absurdo, sem sentido. Nós podemos admirar a bravura do francês mas a felicidade dele, qualquer que fosse, deve ter sido baseada na satisfação de viver “autenticamente” sem ninguém para apreciar a vida a não ser ele mesmo e alguns amigos íntimos. Atlas teve um trabalho duro ao carregar o mundo nos ombros, mas a tarefa de Camus foi ainda mais difícil: carregar o mundo enquanto ele mesmo ainda estava nele. Eu duvido que muita gente possa fazer isto. Eu sei que eu não posso.

No entanto, e apesar do fato de que a maioria das pessoas que já viveu algum dia tinha algum tipo de crença religiosa,

Camus tem muitos seguidores hoje, embora alguns nunca tenham ouvido seu nome. A prática religiosa praticamente desapareceu da Europa ocidental e entre muitas categorias de americanos. Então, o que isto significa para a felicidade? Ela aumentou ou diminuiu? Só Deus sabe. Ou, se você prefere: ninguém sabe.

Que há muita infelicidade na Europa, nos Estados Unidos, e no mundo inteiro, ninguém pode negar. Mas quem pode dizer se existe mais ou menos felicidade hoje que há cem ou mesmo há mil anos atrás? Graças à odontologia sem dor, a previdência do Estado, e a agricultura moderna, certamente há menos miséria hoje que no passado, mas a felicidade é mais que a ausência de miséria. No meio da opulência nós buscamos ainda mais maneiras de agarrar opulência, de ter novos carros, I-pods, e drogas, e dietas, e psiquiatria, e cirurgia plástica e restaurações capitais que nos fazem “sentir-nos melhores conosco mesmos.” Mas isto não prova que somos menos felizes que a nobreza medieval que, vivendo com comida e abrigo assegurado, viviam correndo atrás de trovadores, iguarias da Índia, novas modas em roupa e inovações tecnológicas tais como o garfo. Como podemos pesar tudo isto? Com ou sem religião a felicidade é incrivelmente difícil de medir ou mesmo de identificar além de um círculo íntimo. E mesmo assim muitas vezes nós nos enganamos ao julgar.

Outro tipo de clichê é a observação de que “aqueles foram os dias mais felizes da minha vida” quando a pessoa relembra as lutas da juventude que pareciam intransponíveis naquele tempo. O que quer dizer que nós podemos ser felizes sem sabermos. Você pode ser infeliz sem saber? Eu não creio, mesmo que possamos olhar para nosso passado e julgar algum amor ou entusiasmo juvenis

como “paraíso de tolos.” A felicidade baseada na ignorância ou na ilusão pode não durar, mas enquanto ela dura nós podemos desfrutá-la bastante bem.

Se nós podemos enganar-nos sobre a nossa própria felicidade, nós também podemos enganar-nos sobre a felicidade de amigos próximos e especialmente de parentes. Depois de um suicídio os amigos geralmente dizem, em triste surpresa, “ele parecia tão feliz!” Da mesma maneira, ficamos chocados quando o casal perfeito na casa ao lado anuncia seu divórcio.

Nós terminamos onde começamos. Santo Agostinho nos diz que ele não

poderia ser feliz sem Deus, e nós concluímos que ele não teria sido feliz sem filosofia. O resto de nós concorda ou discorda, mas tentamos não pensar muito no assunto, e quando nós pensamos sobre o assunto achamos que a realidade e as fontes da felicidade são tão escorregadias que nós desistimos. É uma bênção ou um bem-vindo resultado da evolução que nós não precisamos entender a felicidade para apreciá-la. Quanto a mim, estou feliz em concluir que é uma bênção, e em pensar que a felicidade é uma forma de mandamento, e o nosso destino final.